

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**PAISAGEM, MEMÓRIA E ORALIDADE:  
(RE) CONTANDO HISTÓRIAS DA ALDEIA DE PEROCÃO**

LÍVIA PEREIRA FANTINATO

AGOSTO  
2022

LÍVIA PEREIRA FANTINATO

**PAISAGEM, MEMÓRIA E ORALIDADE:  
(RE) CONTANDO HISTÓRIAS DA ALDEIA DE PEROCÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Trigueiro Vicente.

AGOSTO  
2022

## **DEDICATÓRIA**

A todas/os que, através da oralidade, contam e (re)contam as histórias da Aldeia de Perocão. Mantendo viva a memória do povo que viveu e vive em torno do Rio Perocão.

## AGRADECIMENTOS

A Oxum, rainha das águas doce e de todos os rios. Minha mãe, dona do meu Orí. Agradeço a Oxalá, aos meus guias e seres de luz que me sustentaram nesta caminhada acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Sofia Pereira e Lino Fantinato, por terem me dado a vida. Sou eternamente grata a vocês que abdicaram de tanto para que eu pudesse realizar meus sonhos.

A minha família, que esteve presente em minha vida e nos meus estudos. Obrigada a todos vocês por terem confiado tanto em mim, principalmente em momentos que eu acreditei não serem possíveis.

A Isabelli e Sara, que são presentes na minha vida desde o ensino fundamental. Agradeço a colaboração de vocês em todos os meus estudos. Na minha jornada acadêmica e na contribuição deste trabalho. Obrigada por terem me dado tanta coragem de continuar.

A Pedro Henrique, companheiro durante a minha caminhada na graduação. Com tanto carinho e dedicação participou de cada escrita e produção nesses cinco anos. Estando presente em todos os momentos que precisei desabafar e ser ouvida.

Aos meus amigos de graduação, que dentro e fora das salas de aula me ensinaram e compartilharam tanto comigo. Me orgulho de ter compartilhado este percurso importante com pessoas que agregaram muito em minha vida. Em especial, Amanda Dyna, que sempre esteve ao meu lado em toda a graduação, e agora na vida pessoal e profissional.

Aline Trigueiro, querida professora e orientadora, que me acompanha desde o primeiro semestre da graduação em ciências sociais. Obrigada por tanta dedicação, carinho e atenção, neste trabalho e na vida. Em tantos momentos, seguir escrevendo foi uma tarefa em que me inspirei em você.

A Universidade Federal do Espírito Santo e aos meus professores, que me deram caminhos para que eu pudesse me tornar a profissional que sou. Serei sempre grata a cada um de vocês.

Onde eu nasci passa um rio  
Que passa no igual sem fim  
Igual, sem fim minha terra  
Passava dentro de mim  
Passava como se o tempo  
Nada pudesse mudar  
Passava como se o rio  
Não desaguasse no mar  
(VELOSO, 1967)

## RESUMO

Localizada na região norte de Guarapari, a Aldeia de Perocão é um dos territórios mais antigos do Espírito Santo, tendo sido o terceiro assentamento do Estado. O primeiro povo a habitar suas terras foram indígenas do povo Guará, no século XVI. Séculos após, tornou-se parte de uma fazenda escravista. Contudo, diante das lutas dos negros escravizados originou-se um quilombo. Na atualidade, é compreendida enquanto uma comunidade de pesca artesanal. Embora seja uma das comunidades mais antigas, ainda é pouco estudada. Portanto, devido a inexistência de produção acadêmica sobre Perocão, essa pesquisa tem como propósito apresentar, por meio das oralidades, das expressões de arte e depoimentos, alguns elementos que marcam a memória das pessoas que habitam essa região e as relações que estabelecem com esse lugar habitado; em especial, o trabalho de pesquisa é voltado para as memórias e oralidades das/os moradoras/es e pescadores de Perocão. Através de análises documentais e das narrativas dessas pessoas, busco (re)contar um pouco das histórias desta comunidade. No âmbito da discussão teórica, o trabalho se volta para os estudos da paisagem, considerando que o contato dos sujeitos com o lugar imprime em si as dimensões vivenciais e afetivas com o território a partir da experiência sensível. Por fim, a pesquisa propõe que as relações presentes na Aldeia de Perocão, entre paisagem-corpo, (re)contam histórias que atravessam as memórias de pescadores e moradores da comunidade, mantendo vivas as tradições e saberes através das formas de pesca, das poesias e pinturas, e da própria oralidade.

**Palavras-chave:** Aldeia de Perocão; Memória; Oralidade; Paisagem; Pesca artesanal.

## ABSTRACT

Located in the northern region of Guarapari, Aldeia de Perocão is one of the oldest territories in Espírito Santo, having been the third settlement in the state. The first people to inhabit their lands were Guará indigenous people, in the 16th century. Centuries later, it became part of a slave farm. However, in the face of the struggles of enslaved blacks, a quilombo was created. Currently, it is understood as an artisanal fishing community. Although it is one of the oldest communities, it is still poorly studied. Therefore, due to the lack of academic production on Perocão, this research aims to present, through orality, art expressions and testimonies, some elements that mark the memory of the people who inhabit this region and the relationships they establish with this inhabited place; in particular, the research work is focused on the memories and orality of the residents and fishermen of Perocão. Through documentary analysis and the narratives of these people, I seek to (re)tell some of the stories of this community. In the scope of the theoretical discussion, the work turns to the studies of the landscape, considering that the contact of the subjects with the place imprint in themselves the experiential and affective dimensions with the territory as a sensitive experience. Finally, the research proposes that the relations present in Aldeia de Perocão, between landscape-body, (re)tell stories that cross the memories of fishermen and residents of the community, keeping alive the traditions and knowledge through the forms of fishing, the poetry and paintings, and orality itself.

Keywords: Aldeia do Perocão; Memory; orality; Landscape; Artisanal fishing.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização geográfica de Perocão.	17
Figura 2. Vista aérea de Perocão.	18
Figura 3. Mapa “Serra de Perocão”.	20
Figura 4. Mapa “R. Pero Cão”.	20
Figura 5. Mapa “Perro do Cão”.	21
Figura 6. Balaio de palha traz o peixe.	27
Figura 7. Movimentações no antigo cais de Perocão.	27
Figura 8. Novas relações sociais no cais.	28
Figura 9. “Estórias” de pescador.	30
Figura 10. Samuel e a importância das estrelas.	31
Figura 11. A entrada do ancoradouro.	33
Figura 12. O crescimento social entorno do Rio Perocão.	34
Figura 13. Dia de fartura e peixe no anzol.	35
Figura 14. Mestre Dubú.	35
Figura 15. Pequena Aldeia de Perocão.	37
Figura 16. Ponte de madeira e a igreja católica.	37
Figura 17. Ponte Mário Reis.	38
Figura 18. Nem todo dia é dia de peixe.	39
Figura 19. Memórias de criança.	41
Figura 20. Mercaria da Dona Jovem.	41
Figura 21. Missa na casa da Família Araújo.	43
Figura 22. Deleite do sol e sal na pele.	44
Figura 23. Carlinhos, o pescador.	46
Figura 24. Praia do Boião pelos olhos de José Luís.	47
Figura 25. Percurso	49
Figura 26. Ladeira Manoel Albertino	47
Figura 27. Um dia silencioso na vila de Perocão	50
Figura 28. Peixaria do Romário e Marlin Azul	51



Figura 29. Manhã no cais	51
Figura 30. Ponte	52
Figura 31. A espera do pescador	52
Figura 32. Repouso dos barcos	53
Figura 33. Rio-Casa	53
Figura 34. A arte está em tudo	54
Figura 35. O ancoradouro continua lindo	54
Figura 36. Mangue e Garças	55
Figura 37. Retorno	55
Figura 38. Praia do Boião	56
Figura 39. “Há um barco esquecido na praia”	56

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1. População quilombola de Guarapari no século XIX.	22
Quadro 2. Recorte do jornal Correio da Victoria.	23

## **LISTA DE SIGLAS**

ES - Espírito Santo

GEPEDES - Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no Espírito Santo

GPS - Sistema de posicionamento global

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - CARACTERIZANDO A HISTÓRIA DA ALDEIA DE PEROCÃO</b>	<b>16</b>
HISTÓRIA DA ALDEIA DE PEROCÃO	18
<b>CAPÍTULO 2 - ENTRELAÇANDO PAISAGENS, MEMÓRIAS E ARTE</b>	<b>25</b>
A PESCA ARTESANAL NA ALDEIA DE PEROCÃO	26
A MEMÓRIA VIVE ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS	33
<b>CAPÍTULO 3 - CAMINHANDO ENTRE RUAS E RIO: UMA EXPERIÊNCIA DE NARRATIVA VISUAL NA ALDEIA DE PEROCÃO</b>	<b>48</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIA</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de muitas vozes e histórias, e foi possível, principalmente, por dois atos: a oralidade e a escuta. Ambas começam dentro da minha própria família, sobretudo das histórias que minha tia paterna Iracilda - carinhosamente chamada de Cida - me conta, as quais sempre ouvi com muita atenção.

Migrantes de Itaperoroma Baixa, interior do município de Anchieta, vieram morar em Guarapari no ano de 1970. A ligação da minha família com o bairro Perocão começa então quando tia Cida compra um terreno no bairro, mas apenas dez anos depois, com a finalização da construção de sua casa, o torna seu lar. Tempos depois, parte do terreno foi cedida para que seu irmão e sua família pudessem construir mais uma casa. Assim, meus pais, Lino e Sofia, em 1990 vieram morar em Perocão com meu irmão Liandro.

Em três de fevereiro de mil novecentos e noventa e nove, eu vim ao mundo. Numa tarde de muita chuva, como conta minha mãe. Desde então, tem sido nas paisagens que compõem a Aldeia de Perocão, em Guarapari-ES, que cresci e vivo até agora.

Relembrar as paisagens de infância vividas em Perocão é reviver as memórias de minhas primeiras caminhadas, entre muitos percursos que iam da minha casa até chegar nas praias do Boião, Morcego e das Três Praias. Pelo asfalto, caminhando entre as peixarias e o cais, sempre com muitas pessoas e conversas vindas de todos os lugares, ia sentindo o cheiro forte do peixe e da maresia. Ou, às vezes, as caminhadas nas trilhas pela mata, com os descansos sempre embaixo do pé de jaca, ouvindo apenas os pássaros entre as árvores. Das caminhadas que fazíamos no carnaval, do centro de Perocão até a praia de Santa Mônica, entre muitas fantasias e marchinhas, seguimos a folia do “Bloco das Piranhas”, que faz parte da história de Perocão há quase 40 anos. Recordo, também, das caminhadas nas procissões da igreja, sobretudo nas de São Pedro, o apóstolo pescador, considerado padroeiro da Aldeia de Perocão. Íamos da igreja católica até o cais, onde realizavam-se as missas neste dia, como forma de saudar os pescadores da comunidade. Entre essas caminhadas, outras paisagens de infância em Perocão são reativadas: as lembranças do Natal com a distribuição de brinquedos para as crianças,

feita pelo antigo “Papai Noel de Perocão”; as sacolinhas de doces em dia de São Cosme e Damião, e as festas e atividades promovidas pela associação Salvamar.

Todavia, as reflexões acadêmicas acerca da comunidade Aldeia de Perocão surgem em 2018 no terceiro período da graduação em ciências sociais, entre as aulas de *Formação socioeconômica, política e cultural do Espírito Santo*, ministrada pela professora Roberta Traspadini. Na ocasião, a docente instigou a turma com a seguinte questão: - “Vocês realmente conhecem o território onde vivem, conhecem suas histórias de luta e resistência?” Recordo de pensar instantaneamente na resposta para essa indagação: - “Com toda certeza que conheço meu bairro, afinal é lá que moro desde sempre.” No entanto, com o percurso da aula e com os questionamentos da professora, começo a acreditar ainda menos que eu realmente conhecia aquele lugar. Foi então que desta disciplina saiu o primeiro trabalho de pesquisa que englobava o território de Perocão. Em modo de portfólio criativo e manual, com recortes e colagens, fiz um breve levantamento da história do município de Guarapari, entrando sucintamente na história do bairro Perocão. Nessas primeiras pesquisas, confirmou-se o que a professora havia dito em sala. Eu não conhecia as histórias do meu lugar.

No final deste mesmo período, fui encorajada por uma amiga de turma, Elisa Monfradini, a escrever e submeter uma proposta de pesquisa para bolsa de iniciação científica vinculada ao GEPPEDS, Grupo de Estudos e Pesquisas em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no Espírito Santo, coordenado pela querida professora, Aline Trigueiro. Para minha alegria o projeto foi aceito, iniciando assim uma nova caminhada na pesquisa. Com o título “*Pesca artesanal na Aldeia de Perocão, Guarapari-ES: um estudo a partir das dimensões vivenciais e afetivas na relação com a paisagem*”, orientado pela professora Aline, o projeto teve como propósito resgatar a memória da região, tendo como recorte a questão da atividade pesqueira na localidade. No entanto, com o avanço da pesquisa identifiquei a dificuldade em encontrar registros sobre as histórias da Aldeia de Perocão, deixando cada vez mais em evidência o apagamento histórico de comunidades originalmente ocupadas por povos indígenas e negros, que sofreram com o processo colonizador, escravocrata e genocida.

Nesta caminhada universitária que evoquei acima, tendo como influência minha trajetória pessoal, mantenho o anseio de produzir um estudo sobre o lugar de onde

venho. O presente trabalho de conclusão de curso parte da **paisagem, memória e oralidade, a fim de (re)contar histórias da Aldeia de Perocão**. O enfoque é dado para as oralidades, as expressões de arte e depoimentos, elementos que marcam a memória das pessoas que habitam essa região e seus modos de relação com esse lugar.

O objetivo geral desta pesquisa diz respeito a: *(Re)contar histórias da vila pesqueira de Perocão, Guarapari-ES*, por meio das oralidades de moradores e pescadores, percorrendo a ideia de paisagem como dispositivo de memória. Mais especificamente, busquei reconstruir as histórias da vila pesqueira de Perocão por meio dos registros históricos escritos e das narrativas orais dos moradores, sendo assim, destaco os objetivos específicos da pesquisa: reconhecer a importância da atividade da pesca artesanal para a comunidade; compreender os modos de arte como modos de habitar, de produzir paisagens e vínculo com o lugar; e entender a experiência da paisagem como múltipla e passível de transformar e ressignificar a vida dos agentes sociais expostos a elas.

Embora seja uma das comunidades mais antigas, ainda é pouco estudada. Portanto, devido a inexistência de produção acadêmica sobre Perocão, a escolha deste tema justifica-se pelo reconhecimento da importância histórica e cultural do lugar. Diante disto, a pesquisa realizada neste trabalho buscou narrar memórias de moradores e pescadores da comunidade, contribuindo academicamente para que a memória do lugar não seja apagada, resgatando-a e dando a devida visibilidade para sua origem indígena e ancestralidade negra, neste território.

Para alcançar o objetivo traçado nesta pesquisa, a metodologia utilizada foi segmentada em quatro passos. *Primeiro passo*: Para o desenvolvimento inicial, foi feita uma revisão do material que já constava em meu acervo pessoal de pesquisa, selecionando os materiais relevantes para o desenvolvimento desta obra. Diante deste encaminhamento, foram feitas novas investigações documentais, em sites da internet, jornais, e outros, a fim de sondar novos materiais de importância para o trabalho. *Segundo passo*: Pesquisa em acervos sobre os conceitos e aspectos a serem abordados aqui, com leituras de referências necessárias para entender a construção territorial e histórica onde foi desenvolvida a pesquisa de campo, dentre as quais: estudos da paisagem, sobre pesca artesanal, memória e oralidade. *Terceiro passo*: Realização da pesquisa de campo em

Perocão, com entrevistas abertas e semi-estruturadas, contando com a colaboração de seis pescadores da comunidade, sendo todos homens entre 50 a 70 anos de idade. Neste momento, antigos retratos da vila foram apresentados aos entrevistados como forma de estimular a memória. Incluindo também, a observação do cotidiano desta comunidade, através de uma análise descritiva e fotográfica. Por fim, o *quarto passo*: Análise do material coletado e redação do trabalho final.

Na produção escrita, o trabalho foi segmentado em três capítulos. O primeiro capítulo buscou caracterizar a história da comunidade, identificando seu passado e transformações ao longo das décadas. No capítulo seguinte, o mundo sociocultural da pesca artesanal é desenvolvido junto às histórias e memórias dos entrevistados nas pesquisas, partindo destas para compreender o elo sujeito-ambiente evidenciado nos estudos da paisagem. Por fim, o capítulo três é se faz por meio da experiência de caminhada na comunidade de Perocão, constituído através de uma narrativa visual e descritiva do lugar.

## **CAPÍTULO 1 - CARACTERIZANDO A HISTÓRIA DA ALDEIA DE PEROCÃO**

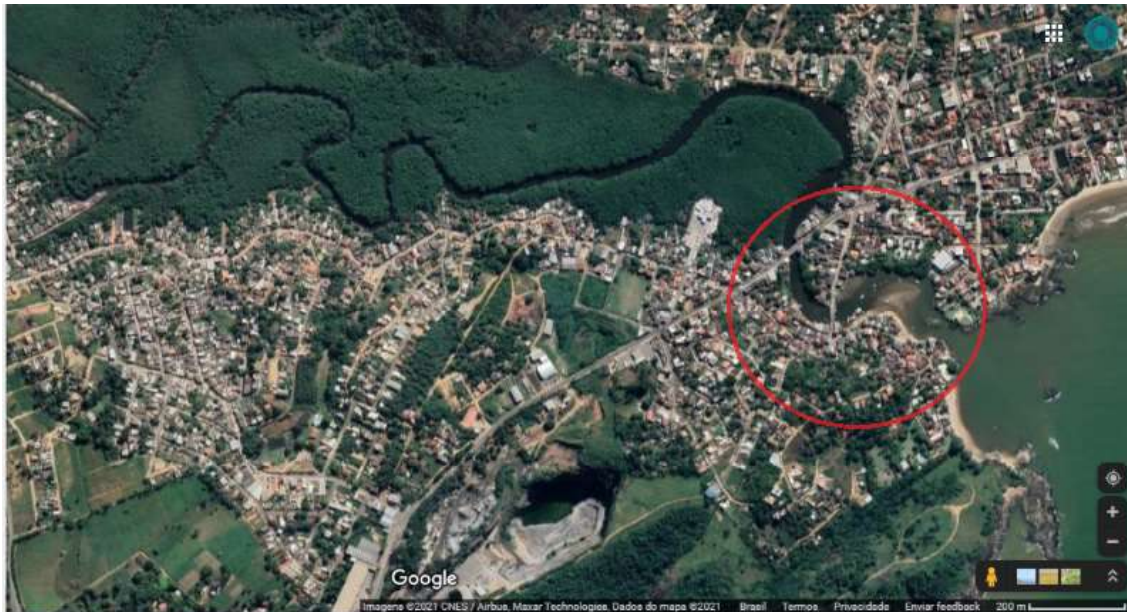
A comunidade da Aldeia de Perocão é o recorte espacial onde foi realizada esta pesquisa, e está localizada no município de Guarapari, região metropolitana<sup>1</sup> do estado do Espírito Santo. Seguindo a Rodovia do Sol está a 52 quilômetros de Vitória, capital do estado. A estimativa da população de Guarapari no ano de 2021 era de 128.504 habitantes, de acordo com o IBGE.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Conforme o mapa da *divisão regional do Espírito Santo*, do instituto Jones dos Santos Neves. Endereço eletrônico: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>. Acesso em: 07 de out. 2021

<sup>2</sup> Não foi possível encontrar dados referentes à população de Perocão.





**Figura 1. Localização geográfica de Perocão. Fonte: Imagem de Satélite retirada do Google Maps de Perocão. Endereço eletrônico: <<https://www.google.com.br/maps/place/Peroc%C3%A3o,+Guarapari+-+ES/@-20.6226317,-40.4743769,2854m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xb85a038b2b8d9b:0xbe61c93efe3caff!8m2!3d-20.6229842!4d-40.4681826>>. Acesso em: 10 de set. 2021.**

Com o apagamento histórico e a ausência de trabalhos acadêmicos, como mencionado anteriormente, não foi possível encontrar fontes específicas referentes à comunidade Aldeia de Perocão. Todavia, a partir de estudos referentes à história do Espírito Santo, particularmente aos que trazem descrições da cidade de Guarapari bem como suas transformações, foi possível considerar informações importantes sobre a história da comunidade estudada nesta pesquisa. Desse modo, com a contribuição desses estudos, partindo de fragmentos históricos pertinentes à Aldeia de Perocão e suas redondezas, as narrativas sobre este lugar foram sendo construídas no presente trabalho.

Neste primeiro momento, partirei das caminhadas descritas por viajantes europeus, que estiveram de passagem pelo ES e por Guarapari entre os séculos XVIII e XIX, para elucidar algumas possíveis histórias e características deste lugar no passado.

## **HISTÓRIA DA ALDEIA DE PEROCÃO**

Perocão  
Aldeia de cais calmo  
Com seus barcos a flutuar  
Pescadores são guerreiros

Enfrentando o grande mar  
Mar que sempre os alimenta  
Mais também os tira o sangue  
Mar que banha nossas praias  
Com seu braço lava o mangue  
Quem conhece suas raízes  
Não tira do coração  
E quem nasce em suas terras  
Não te esquece Perocão

Fonte: Joel Júnior, filho do pescador Joel. (2002)

“É um lugar único e singular, a começar pelo nome indígena. Perocão. Espírito Santo.”(O CRUZEIRO, 1968).



**Figura 2. Vista aérea de Perocão.**

**Fonte: PCDRONES**

A história da Aldeia de Perocão surgiu por volta do século XVI, quando em 1556 os indígenas do povo Guará (do tupi = cão; lobo) se fixam no território de Guarapari recém migrados do Rio de Janeiro, onde estavam em guerra com os indígenas Tamoios, no ano de 1555. Através de registros arqueológicos encontrados nas áreas do manguezal, acredita-se que os indígenas habitavam toda a extensão que compreende a comunidade de Jabaraí, que faz limite com Perocão. (RERITIBA 2009, s/p).

Sabe-se que o topônimo<sup>3</sup> do local condiz com o início de sua história e os desdobramentos de sua trajetória, donde o nome da região pode estar associado também a esse povo como sendo, em português arcaico, “das terras doadas pera o Cão ou para o Cão” (Idem); referindo-se ao cacique Qan Grande, ou Cão Grande. Mas, não existem registros oficiais, nem mesmo trabalhos científicos que comprovem ao certo as origens de seu nome. As histórias que existem e são contadas entre os moradores mais antigos dizem que o cacique da aldeia se chamava Pierre e sua esposa a índia Conceição, desta união teria nascido o filho do casal, que havia recebido o nome de Pierrocão, dando origem ao nome da aldeia. No entanto, há outras versões contadas para a possível explicação do nome da região, uma delas evoca a existência do jesuíta chamado Pero que andava na região sempre na companhia de seu cão; outra remete à existência de uma fruta que os jesuítas usavam para alimentar seus cachorros, seu formato assemelhava-se com uma pêra, logo, de acordo com essa hipótese dava-se Pera ao cão. No entanto, de acordo com a secretaria de turismo de Guarapari, nas informações do inventário turístico da cidade consta apenas que a localidade recebeu o nome por conta de uma povoação indígena que habitava o lugar.

Cabe aqui salientar que, diante das pesquisas documentais, foram observadas variâncias no que diz respeito ao nome da região. Assim, foram encontrados documentos que apontavam a região pelos seguintes nomes: “Serra do Perocão”; “Perro Do Cão”; “Pero Cão, e “Pero-Cão”.

Os mapas do litoral brasileiro, em corte, mostram a Capitania do Espírito Santo entre os anos 1593 a 1822 (MEMÓRIA CAPIXABA).

Em todos eles podem ser vistas as marcações do território Perocão.

---

<sup>3</sup> Origem de um nome geográfico.





**Figura 5. Mapa “Perro do Cão”. Fonte: Memória Capixaba, 2017**

**Legenda:** Carta náutica, na revista náutica brasileira, determina a região da Ilha Escalvada onde foi inaugurado o farol em 1917, a 7 milhas da costa. Nesta, a região de Perocão aparece marcada como “Perro do Cão”.

Em virtude do período colonial, na cidade de Guarapari constituíram-se duas grandes Fazendas escravistas: a Fazenda do Campo e a do Engenho Velho. Ambas pertenciam ao Padre Antônio de Siqueira Quental, que possuía em suas terras uma média de 700 negros escravizados. A área de Perocão passou a integrar parte da primeira Fazenda (Campos), em sua extensão haviam 417 escravizados, já a outra (Engenho Velho) havia 295, mesmo contendo uma quantidade menor de escravizados, esta possuía um valor aquisitivo bem maior que a anterior, de acordo com registros históricos. (ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA).

Após o falecimento de Quental, em 1769, mais de 700 negros escravizados em suas fazendas uniram-se e como forma de resistência fixaram nessas terras um quilombo.

“Ainda no século XVIII e início do XIX a região pode ter sido a sede do que Maximiliano de Newvied<sup>4</sup> chamou de “República Negra”. Uma espécie de quilombo formado por negros rebelados das fazendas do Campo e do Engenho Velho também pertencente ao padre Quental após a sua morte. Esta “República” seria composta por quase 1.000 negros, cerca de 1/3 da população da vila de Guarapari. No bairro

<sup>4</sup> Príncipe naturalista que esteve no Brasil no início do século XIX, onde estudou a flora, a fauna e as tribos indígenas.

Jabara<sup>5</sup> pode-se, com facilidade, encontrar vários vestígios arqueológicos no entorno do manguezal que podem estar ligados tanto a ocupação nativa quanto a negra.” (RERITIBA, 2009, s/p).

Em *Comunidades quilombolas no Estado do Espírito Santo: Conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural*, Osvaldo M. de Oliveira (2011) relata o crescimento populacional de quilombolas na província do Espírito Santo no século XIX. Tal situação levou a administração pública a se organizar contra a população, uma vez que os quilombos se tornaram locais de fuga para os escravizados que viviam nas fazendas das redondezas.

Abaixo é possível ver quantitativo populacional dos integrantes quilombolas na Vila de Guarapari entre os anos de 1814 a 1817. Os termos “República Negra” e “escravos do mato” eram os nomes que se aplicavam aos agrupamentos negros independentes que existiam na vila e nos sertões de Guarapari.

ANEXOS				
Tabela 1 – Quilombos no Espírito Santo do século XIX				
Item	Ano	Vila, distrito	Nome e/ou local do quilombo	Número de integrantes
1	1814 a 1817	Vila Guarapari	República Negra e “escravos do mato”	600

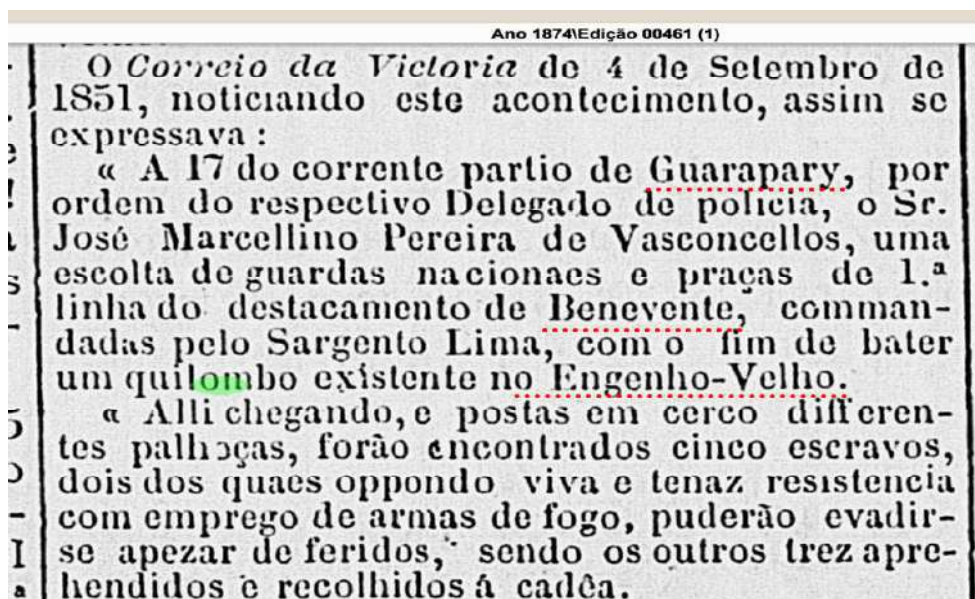
**Quadro 1. População quilombola de Guarapari no século XIX. Fonte:** Fragmento da tabela retirada do artigo intitulado “Comunidades quilombolas no Estado do Espírito Santo: Conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural” de Osvaldo Martins de Oliveira. 2011, p.169

É fundamental o entendimento que, “no decorrer do século XIX, a experiência social do quilombo foi apresentada na cena política e jurídica pelas forças do Império como uma ação criminosa, quando seus integrantes eram classificados como ameaça à propriedade privada e à segurança pública, isto é, a segurança dos interesses da classe senhorial.”

---

<sup>5</sup> Bairro que se encontra nas proximidades de Perocão.

(OLIVEIRA, 2005, pp. 144-145), sendo recorrentemente caçados e invadidos para serem combatidos. Como é visto na nota do jornal “O correio da Victoria”.



Quadro 2. Recorte do jornal Correio da Victoria. Fonte: Memória Capixaba, 2018.

**Legenda:** Em grifo pontilhado vermelho; *Guarapary*: Referente a cidade de Guarapari. *Benevente*: Antiga Vila que atualmente compreende o município de Anchieta/ES, por onde passa o Rio Benevente. *Engenho Velho*: Fazenda escravista de Guarapari, no século XVIII.

Contratado pela Coroa Portuguesa e enviado ao Brasil para descrever as características do país, o príncipe austríaco Maximiliano de Neuwid chega às terras capixabas no ano de 1815, e ao passar pela região de Guarapari aponta o quilombo como uma República Negra. Em sua obra “Viagem ao Brasil” (1940), Maximiliano conta que,

[...] Quando o último proprietário morreu, sobreveio uma desordem geral: Os escravos se libertaram e cessaram o trabalho. Um padre informou aos herdeiros em Portugal, do estado de ruína da propriedade e ofereceu-se para restaurar a ordem, se lhe dessem uma parte da fazenda. Assim se combinou; mas as cabeças dos escravos mataram-no na cama, armaram-se e **formaram, nessas florestas, uma república negra, que não foi fácil submeter.** Tomaram posse da “fazenda”, viviam livres sem trabalhar muito, e caçavam nas florestas. Ao mesmo tempo, os escravos da “fazenda” engenho velho também se libertaram, e uma companhia de soldados nada podê contra eles [...]. (DE WIED-NEUWIED, Maximiliano, 1940, p. 136 grifo nosso).

Até o momento não se tem conhecimento das razões que levaram a República Negra a desaparecer. Mas, acredita-se que durante 50 anos ela se manteve na região. Todavia, através do que descreve DE WIED- NEUWIED (1940), subentende-se que, possivelmente ao longo da história a região foi se firmando como comunidade

pesqueira, visto que ao retratar as características naturais da região o autor faz algumas considerações às estruturas sociais notadas por ele.

[...] No dia seguinte atravessamos o rio, não longe da vila: serpeia ele, pitorescamente, entre mangues (*conocarpus*) de um verde suave, e é limitado, à distância, por verdejantes colinas: na margem norte há uma vila habitada por pescadores. Cavalgamos através de grandes charcos, cheios de moitas da linda *rhexia* de flores violetas [...] depois, passamos um grande canal de "ubá", ou cana de folhas em leque, perto de perocão e atravessamos um riacho por uma ponte de madeira. Seguimos a praia até à ponta da fruta [...] (DE WIED-NEUWIED, Maximiliano, 1940, p.137 - grifo nosso).

Também em expedição no Espírito Santo, SAINT HILAIRE<sup>6</sup> (1936) percorre toda a extensão de Guarapari. Em suas anotações aponta rumos da existência de uma república negra, contudo, acrescenta que nada dirá sobre ela. Entretanto, narra sua chegada e estadia em Perocão.

“ (...) Logo que me vi da outra banda do rio, atravessei a planície que já havia percebido quando ainda na vila. [...]. Do outro lado dessa planície penetrei numa floresta e dali a pouco eu chegava a Pero-Cão, lugar que emprestou seu nome a uma ribeira da qual as águas correm na vizinhança. A casa onde fiz alto tem pouca importância. Mas, sua posição é muito pitoresca. Essa casa foi construída sobre o topo de uma pequena montanha que domina uma enseada assaz larga e d'onde se avista também o alto mar. Em volta da habitação estão terrenos cultivados e algumas casas de negros. Eu vi ao pé da colina o vale que rega o Pero-Cão; imensas florestas se estendem do lado oeste e, à distância, se percebem as altas montanhas. O proprietário do Pero-Cão alojou-me numa casa de negros;” (DE SAINT-HILAIRE, Auguste, 1936, p.76-77)

Por consequência da proximidade com o Rio Perocão, a população que permaneceu neste território constituiu-se como comunidade de pesca artesanal, e assim permanece até hoje. Renomada pelas águas de mar calmo, na praia do Boião, e pelo comércio da pesca, Perocão desenvolveu-se em relação à pavimentação de ruas, manutenção de pontes, e ao acesso rodoviário, realidade discrepante quando comparada há décadas passadas onde a travessia de Perocão para o centro da cidade só aconteceria por meio de barcos que atravessavam as florestas.

O historiador Capixaba Fernando Achiamé, em entrevista dada ao jornal GazetaOnline (2012), conta que a concentração econômica do município de Guarapari, dado o seu desenvolvimento, fez com que a vila de Perocão tendesse ao isolamento. Achiamé ressalta que “a vila se transformou em um lugar de pescadores, apenas. E a história só

---

<sup>6</sup>Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire naturalista e viajante francês, que esteve em expedição no Brasil no início do século XIX.



mudou na década de 1970, com o turismo da pesca e de verão que voltou a desenvolver a região”. Sabe-se que, “os habitantes da aldeia sempre se empregaram da pescaria como fonte de sustento e de renda, atividade até hoje muito difundida e que traz grande fama a aldeia pela qualidade do pescado comercializado ali.” (RERITIBA, 2009, s/p). Diante disso, compreende-se que algumas décadas atrás a única forma de sustento dos poucos moradores que viviam em Perocão se dava através da pesca artesanal.

Compreendidas as mudanças observadas na comunidade, cabe ressaltar ainda o crescimento populacional na vila, uma vez que com o desenvolvimento do lugar houve um maior índice de assentamentos para novas moradias. Essa alteração imprimiu mudanças na paisagem local e, por conseguinte, na relação da comunidade com o seu entorno. Dentre os problemas visíveis na comunidade de Perocão podemos apontar, ainda, as questões referentes ao saneamento básico. Na reportagem trazida pelo Jornal FolhaOnline.es (2017), os moradores relatam a situação do esgoto vindo de outras regiões próximas, desaguando no rio que corta a localidade, ocasionando a contaminação das águas e do manguezal, atingindo diretamente as famílias que tiram do mar sua renda e alimento e, simultaneamente, afetando a biodiversidade marinha da região.

## **CAPÍTULO 2 - ENTRELAÇANDO PAISAGENS, MEMÓRIAS E ARTE**

Gaivota da enseada  
que vive a voar  
gaivota atrás de peixe  
sua vida é mergulhar

De uma ilha até a outra  
na arrebentação do mar  
sobre o azul do oceano  
vê os barcos a passar

Segue sempre o pescador  
Que tem peixe por demais  
sobrevoa a seu barco  
até que ele, chegue ao cais

come sobras de mariscos  
compensando sua escolta  
se despede da Aldeia  
Ela vai, mas sempre volta.

Fonte: Joel Júnior, filho do pescador Joel. (2002)

Com o intuito de descrever as características da vida na antiga comunidade, foram feitas entrevistas abertas com os pescadores e moradores do local. Através de suas histórias foi possível conhecer um pouco dos modos de vida que estes mantinham, identificando as transformações da/na paisagem. Ademais, através das narrativas sobre o local, e as preocupações com o espaço ambiental, foi possível perceber o elo afetivo que os pescadores possuem com a comunidade, inclusive através das expressões artísticas, como as poesias e pinturas dos pescadores nativos da região.

Através do contato com os pescadores, por meio da pesquisa de campo, foi possível perceber o sentimento de pertencimento com relação ao território. De tal maneira, é notória a presença dos laços afetivos com o local, estes que foram se construindo através das trajetórias de vida de cada um deles. Mediante as entrevistas realizadas, percebe-se que, por intermédio das memórias, os pescadores comparam a paisagem local entre o passado e o presente, conforme vão descrevendo-as e, por conseguinte, acentuando suas transformações. De maneira intrínseca, na medida em que as histórias vão sendo contadas, os locais vão sendo delineados na experiência da paisagem.

Assim sendo, neste capítulo, busco observar de modo mais aprofundado as “*manifestações específicas do amor humano por [um] lugar ou topofilia*” (TUAN, 1980 p.106), presentes na comunidade estudada, tendo como referência os estudos da *paisagem* e do próprio conceito de *topofilia*.

## **A PESCA ARTESANAL NA ALDEIA DE PEROCÃO**

A atividade pesqueira do local é representada pela pesca artesanal, ou seja, pesca de pequena escala realizada com barcos de pequeno e médio portes. Da mesma maneira em que houve as transformações no modo de vida dessa população, diante do tempo, a pesca local também foi se adaptando. Diferente das embarcações das décadas anteriores, no tempo presente algumas já possuem um espaço maior e mais cômodo, com a possibilidade de mais navegantes. Do mesmo modo, muitas são motorizadas e possuem sistema de GPS. No entanto, mesmo com esses novos recursos tecnológicos, os homens do mar, principalmente os mais antigos, carregam sempre consigo as tradições da pesca e suas sabedorias.

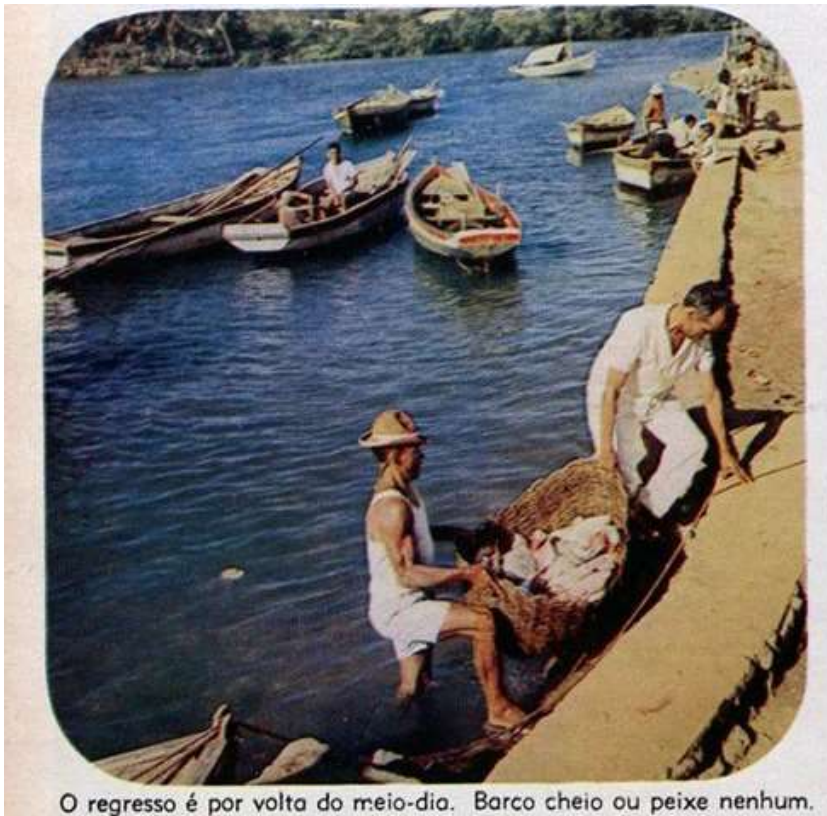


Figura 6. Balaio de palha traz o peixe. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.



Figura 7. Movimentações no antigo cais de Perocão. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.



**Figura 8. Novas relações sociais no cais. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2018.**

Os registros acima, feitos do mesmo espaço do cais de Perocão em tempos diferentes, evidenciam as transformações do espaço social da pesca artesanal ao longo das décadas. Nas figuras 6 e 7 observam-se barcos menores, a remo e sem nenhum recurso motor ou tecnológico, situação que difere da figura 8, onde é possível observar barcos maiores e com mais recursos. Ainda nas figuras 6 e 7 vemos que a quantidade de barcos atracados no cais é bem menor em relação a figura seguinte. Suponho que essas alterações são decorrentes do crescimento populacional da vila de pescadores ao longo das décadas.

Mesmo neste espaço de transformações, é notório em ambas as imagens a presença das relações sociais estabelecidas por meio da pesca artesanal, seja na imagem em que vemos dois pescadores juntos erguendo para o cais a pesca do dia, dentro de um cesto de palha (figura 6), ou através de uma conversa no cais onde a vara de pesca com molinete ganha vida (figura 8). O cais permanece enquanto um espaço de trocas de conhecimento entre os homens do mar, sendo habitado pelo público masculino em sua maior parte do dia.

Dessa maneira, para esses homens, o mar não representa somente um lugar de propriedade para pesca artesanal com fins econômicos. “Para o pescador artesanal é lugar de trabalho e vida.” (CUNHA, 2009, p. 62). Através deste modo de vida é possível a construção de elos afetivos, tanto com o local como com os companheiros de

navegação. Conforme Silva (2000, p. 28), “Os pescadores compreendem a natureza em dois grandes mundos: o do mar e o seco (terra), sendo que o primeiro é tido como um espaço muito especial, digno de muita reflexão e admiração. (...)”

Sendo a pesca uma das primeiras atividades exercidas pelos seres humanos, é fundamental salientar que ela está diretamente envolvida por um ciclo biológico e social, uma vez que existe um tempo predeterminado para a pesca de algumas espécies, assim como locais e momentos climáticos propícios para exercer a atividade. Logo, para o pescador o “ritmo de tempo é regido pela própria atividade, que se desenvolve na interseção entre cultura e natureza.” (CUNHA, 2009, p. 61 ). De tal maneira, o pescador artesanal tem em sua vivência o universo tridimensional do espaço, em virtude de relacionar-se com as dimensões de unidade *terra-mar-céu*.

Se no *mar* ocorre a busca do pescado, na *terra* ocorre a complementação da atividade pesqueira: seja onde fica sua morada, seja onde entralham suas redes, consertam e fazem a manutenção de seus equipamentos (em geral nos quintais de casa), seja, ainda, onde guardam e conservam seus apetrechos de pesca. [...] (CUNHA, 2009, p. 61 grifo nosso)

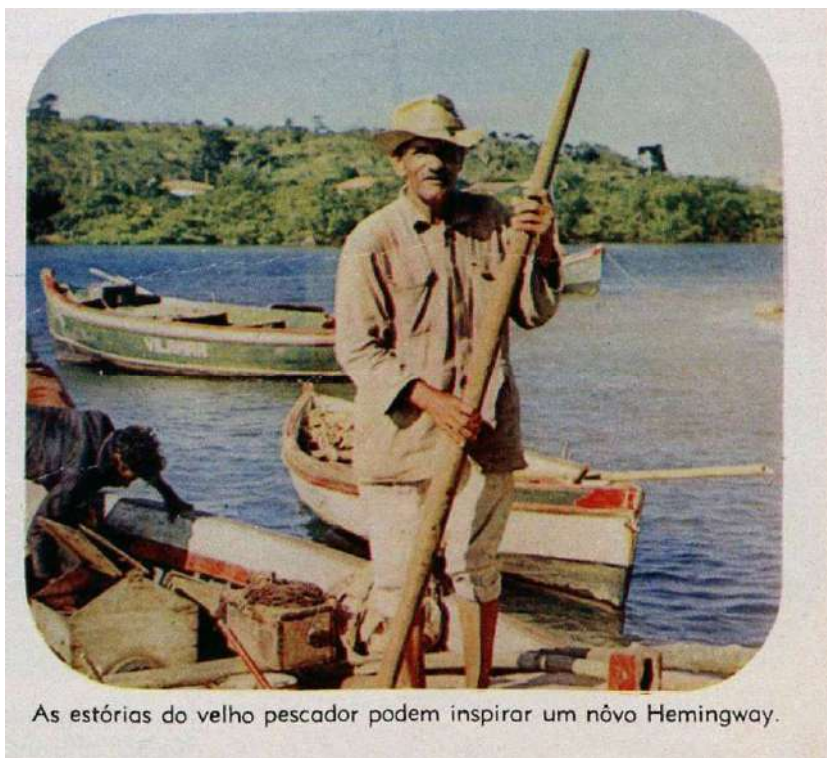
Já a relação da pesca com o céu está relacionada com a influência da lua nas marés, da mesma maneira que com a direção do vento, como conta o pescador Samuel (55 anos), entrevistado durante a pesquisa, relatando a importância de enxergar as estrelas, pois, durante o período noturno em que eles (os pescadores) estão no mar é através delas que eles podem fazer as marcações necessárias para encontrar o pesqueiro<sup>7</sup>. E também, entender as marcações feitas nas três dimensões.

“Os pontos de pesca a gente conhece marcando, um morro pelo outro. Quando chega lá fora você faz uma marcação... você tem um pesqueiro aqui. Vamos supor, para eu ir naquela direção eu tenho que pegar a marcação daquele mastro azul no barco ali e tenho que colocar ele lá naquela arvorezinha lá embaixo. Ai você vai navegando... vai navegando. Pra mim chegar em cima dele ali (no pesqueiro)tem que ter um ponto ali, por exemplo, aquele toco lá atrás do coqueiro. E você vai ver que coincidiu. Mas isso acontece a quilômetros de distância, a milhas. Por exemplo, você está lá no meio do mar, você olha para as três ilhas e atrás das três ilhas têm a igreja de ponta da fruta, é uma marca já.” (Pescador Samuel, entrevista realizada - 2018)

---

<sup>7</sup> Lugar que serve de viveiro, abrigo ou comedouro de peixes.

Do mesmo modo, principalmente no período diurno, os elementos naturais servem de marcações, assim as árvores, montanhas, pedras e outros contribuem na localização utilizada para a atividade. Assim, “(...) Conhecendo os caminhos do mar e as rotas de navegação, os pescadores seguem os movimentos da natureza e das espécies, explorando seu território produtivo, social e cultural de modo peculiar. (CUNHA, 2009, p. 62). Fato este presente na memória do pescador Joel (69 anos) que diz “ O que eu mais me lembro e que me orgulho era que esses pescadores não tinham o que nós temos hoje, não tinham uma bússola, um radar ou um GPS, eles marcavam os pesqueiros através dos morros. Através dos morros eles marcavam onde eles iam pescar, e tinha farturas de peixe.”



**Figura 9. “Estórias” de pescador. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.**



**Figura 10. Samuel e a importância das estrelas. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2018.**

A legenda da figura 9, descrita pela revista *O cruzeiro* (1968), evoca aquelas que são conhecidas como “histórias de pescadores”, suas proezas em meio às águas, tais como as que encontramos em *O Velho e o Mar*, obra do escritor norte americano Ernest Hemingway, citado inclusive na legenda da revista. Entendemos que as histórias de pescadores carregam consigo memórias de ancestralidade, o conhecimento e o saber da pesca artesanal daqueles que já não contam mais as suas histórias de mar. Na figura 10, Samuel, filho do pescador Magno Pereira, considerado o "último pescador poeta de Perocão" (FolhaOnline.es, 2017), compartilha a importância desses saberes tradicionais que são passados entre gerações.

Ainda sobre as “Estórias de Pescador”, recordo também do episódio que conta pelo pescador Joel:

Nós não tínhamos também empresa de ônibus, então todo mundo tinha que andar a pé, a primeira “empresa” que surgiu aqui foi por volta dos anos 69/75, o proprietário era seu Justino, ele tinha uma caminhonete, para 14 passageiros, aí ele fazia Perocão à Centro de Guarapari, ia de manhã e só voltava à tarde, saía de manhã e só voltava às 14h. Depois de uns seis meses ele aumentou a passagem, em termo de hoje, vamos supor.. a passagem era 50 centavos e ele colocou pra 1 real, aí quando foi de manhã e ele preparou pra fazer a viagem, alguns moradores não aceitaram e tiraram os 4 pneus do onibuzinho dele, aí naquele dia não teve ônibus, e deixaram escrito na lateral do ônibus *coisa de pescador*. [risos] (Pescador Joel, entrevista realizada - 2018)

Através do diálogo com os pescadores durante as entrevistas, pude entender que as “paisagens assumem significados e aparências em relação às pessoas, e as pessoas desenvolvem habilidades, conhecimento e identidades em relação às paisagens nas quais se encontram.” (INGOLD, 2015, p. 198). Essa abordagem de Ingold nos faz perceber que, da mesma maneira em que houve as transformações no modo de vida dessa população, diante do tempo, a pesca local também foi se adaptando e com isso novas habilidades e práticas foram sendo desenvolvidas e incorporadas no dia a dia do pescador.

No cais local, a todo instante é possível notar como a arte da pesca vai surgindo nesse cenário observado. A agilidade dos pescadores, o momento de manutenção, a partida e a chegada se transformam a partir de detalhes. Um pescador, de maneira ágil, pula do cais para um dos barcos que estava parado ali. Rapidamente, vai desamarrando o nó que segura um barco ao outro. Ele vai caminhando por cima de cada barco e se locomovendo sobre o mar, depois pega um pequeno barco a remo e navega até o outro lado do rio, chegando à extensão do mangue. O equilíbrio entre os barcos, a agilidade com as cordas e a técnica de remar são apenas uma das habilidades notadas e exercidas com confiança.

Por meio da pesquisa de campo, foi possível perceber que, práticas e saberes dos pescadores artesanais de Perocão possuem a memória de uma vila de pescadores que foi se transformando, mas ao mesmo tempo mantendo suas histórias e memórias vivas. Logo compreende-se que, “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos.” (TUAN, 1980, p. 110). A partir dessa abordagem sobre a topofilia<sup>8</sup>, ou seja, sobre a relação afetiva construída com o lugar, entendemos as falas e relatos dos moradores A e B, entrevistados. A partir de suas memórias eles descrevem e compararam a paisagem do local e, por conseguinte, as suas transformações.

O Morador A conta que:

“Aqui era o seguinte... Era tudo areia de praia que chegava ali perto da pedra... Aqui tinha a castanheira e os barcos eram amarrados nela... Era tudo praia!”

O morador B, que vive há 40 anos na região, acrescenta:

---

<sup>8</sup> É o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. (TUAN, Yi-Fu.1980 p. 5).



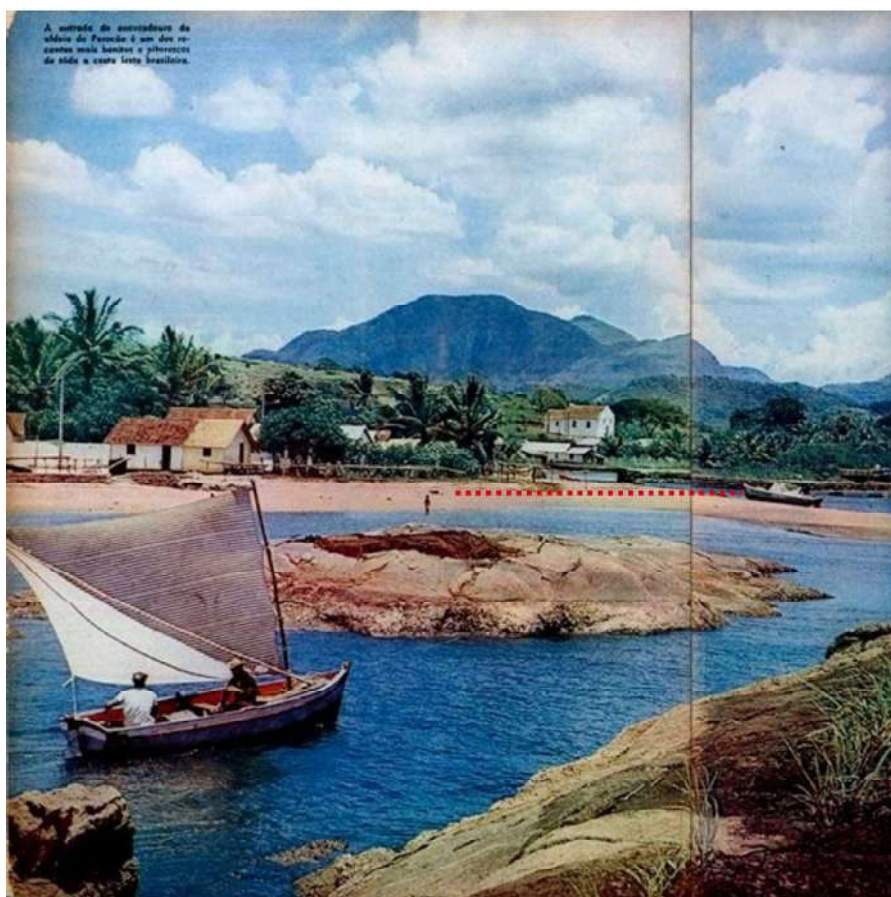
“Agora nem pensar de ver a igreja do outro lado... Antes dava. Hoje se você pegar um barquinho aí, e subir esse rio, você vai até na curva e depois não passa mais. A única casa que tinha do lado de lá é aquela dali [aponta] não tinha nenhuma casa pra trás. Quando eu comecei a frequentar Perocão só tinha umas casas aqui... “nóis” largava o carro ali e quando a maré estava cheia era areia pura pra ir pra casa”. Finaliza dizendo que, “Quem toma água de Perocão não vai embora não.”

## A MEMÓRIA VIVE ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS

Como apresentado anteriormente, sabe-se que, na década de 1960 Guarapari já era um grande centro turístico, no entanto é preciso salientar que essa situação não abrangia todas as regiões da cidade. Diferente da grande cidade que havia se constituído no núcleo do município (atual Centro), Perocão ainda era uma pequena aldeia de pescadores.

“Trezentos eleitores, duzentas casas, mil habitantes, três quilômetros de praia (Una, Zabumba, Perocão), sem agência de correio, telefone, cartório, cemitério, mesma radioatividade de Guarapari, sem padre, sem médico (a não ser os veranistas que atendem ao povo), êste é o retrato da aldeia de Perocão, um amontoado de homens que fazem da aventura, na sua luta diária contra o peixe e contra o mar, o seu ganha-pão.” (O Cruzeiro, 1968)

Através de fotografias e escritos presentes em uma matéria da revista *O Cruzeiro*, em 1968, e por meio das narrativas dos pescadores, é possível analisar algumas características da região naquela época. Cita a revista: “A entrada do ancoradouro da aldeia de Perocão é um dos recantos mais bonitos e pitorescos de toda a costa leste brasileira.” (O Cruzeiro, 1968).



**Figura 11.** A entrada do ancoradouro.  
**Fonte:** Revista “O Cruzeiro”, 1968.

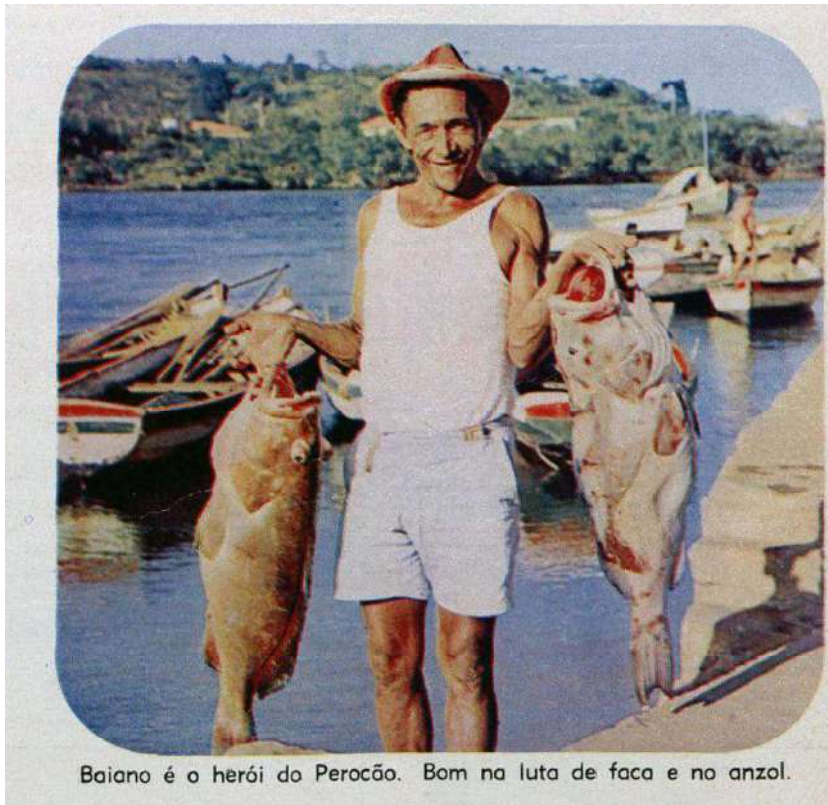


**Figura 12. O crescimento social entorno do Rio Perocão. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2018.**

Na figura 12, em comparação com a figura 11, torna-se visível o quanto o crescimento populacional implica nas transformações das paisagens, inclusive nas habitações erguidas ao redor do rio. Contudo, conforme o desenvolvimento de mais recursos e de uma transformação sociocultural essas casas tomam outras proporções e construções. A ponte de madeira se transformou em uma estrutura maior em comparação com a de 1968, ganhando mais porte e sustentação, em relação à antiga, observada no fundo da figura 11. Apesar do crescimento da localidade, Perocão mantém muita arborização em seu redor.

Ao caminhar pela região, a todo momento se percebe as relações entre o tempo presente e as memórias e histórias acessadas pela pesquisa.

“Por via terrestre, sete quilômetros antes de chegar a Guarapari, deixe o asfalto, vire à esquerda e siga pela estrada de terra que margeia o campo de aviação, até chegar a um arraial onde, à sua frente, está o entreposto. À direita, o Bar do Vovó e o ancoradouro de pequenas embarcações e, pelas ruas estreitas, homens queimados de sol levando cambões de peixes com arames e barbantes.” (O Cruzeiro, 1968)



**Figura 13. Dia de fartura e peixe no anzol. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.**



**Figura 14. Mestre Dubú. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2018.**

As ruas de Perocão ainda se mantêm estreitas, conforme assinalado pela reportagem da revista *O Cruzeiro*, e atracados no cais os barcos coloridos ficam à espera do pescador. Entre o vai e vem da partida e da chegada, vemos os homens do mar com a pele

marcada pelo sol, trazendo a pesca do dia. Na figura 14, José Luís, também conhecido como Mestre Dubú, orgulhoso exhibe a conquista da manhã.

Na década de 1960 as poucas moradias existentes ali eram simples, baixas, e construídas de barro, da mesma forma que o chão da vila, como vemos abaixo na figura 15, e como nos conta Joel,

“Era as construções de estuque. Não tinha cimento, não existia cimento. E aí como era feito a casa de estuque, as pessoas iam pros matos, arrancavam as peças pra fazer o esteio, esteio são os cantos da casa, e depois iam pro mato tirar as palhas, destelharam as palhas, e amarravam aquelas varinhas das palhas com o cipó, uma varinha de um lado e a outra varinha de outro, amarravam-se com cipó de baixo até em cima. E se fazia assim, o proprietário pedia agitório<sup>9</sup>, tudo era agitório, em comunidade. Tudo era assim “fulano vamo fazer uma casa?” Juntava oito, dez pessoas para ajudar... uma comunidade. Então você pegava parede e botava a madeirinha de um lado e de outro, amarrava com o cipó, quando aquelas paredes estavam prontas iam fazer o enchimento com massa, que era uma qualidade de argila de barro, e aí quatro a cinco homens amassando aquele barro com os pés até dá a liga, quando dava a liga ficava uns dois três homens por fora e uns dois por dentro pra fazer o acabamento na mão. E aí depois ficava coberta com sapé depois, futuramente, que veio a telha, mas antes era sapê.” (Pescador Joel, entrevista realizada - 2018)

Joel, elucidada também como a vida da aldeia de Perocão vai se transformando e ganhando recursos básicos de saúde, captação de água e energia.

“Depois da aldeia tem uma prainha que havia uma residência de um senhor que tinha um barco chamado “barco olho de boi”, mas ele não era pescador, ele era médico, gostava de pescar e tinha uma casa ali. Todo final de semana que ele vinha pra pescar, ele trazia o barco, ancorava em Perocão e atendia pescadores, as mulheres e filhos dos pescadores com remédios de verme porque dava muito nas crianças, ele se chamava Dr. Carlito. [...] nós não tínhamos água encanada, as mulheres e os homens pegavam água nos poços, e até que ele arrumou uma verba, construiu uma caixa d’água aqui num terreno, construiu um poço dinâmico com uns 10 metros de boca, e lá bombeava-se a água, a motor, para essa caixa, e fez a tubulação dessa caixa até na pracinha de Perocão, lá ele botou uma torneira onde todos apanhavam a água. E essa foi a primeira rede de água que nós tivemos em Perocão, foi através desse médico, isso em 1960/62, aí começou a melhorar, isso eu tinha uns 9 anos, por aí. Nessa mesma época 62/63 nós tivemos a primeira energia em Perocão, o local da energia estava ali do lado da igreja São Pedro, era de motor a diesel que tocava um gerador para distribuir a luz para Perocão. Se ligava o motor das seis às nove horas, então só tínhamos energia até às nove horas da noite, depois não tinha mais.” (Pescador Joel, entrevista realizada - 2018)

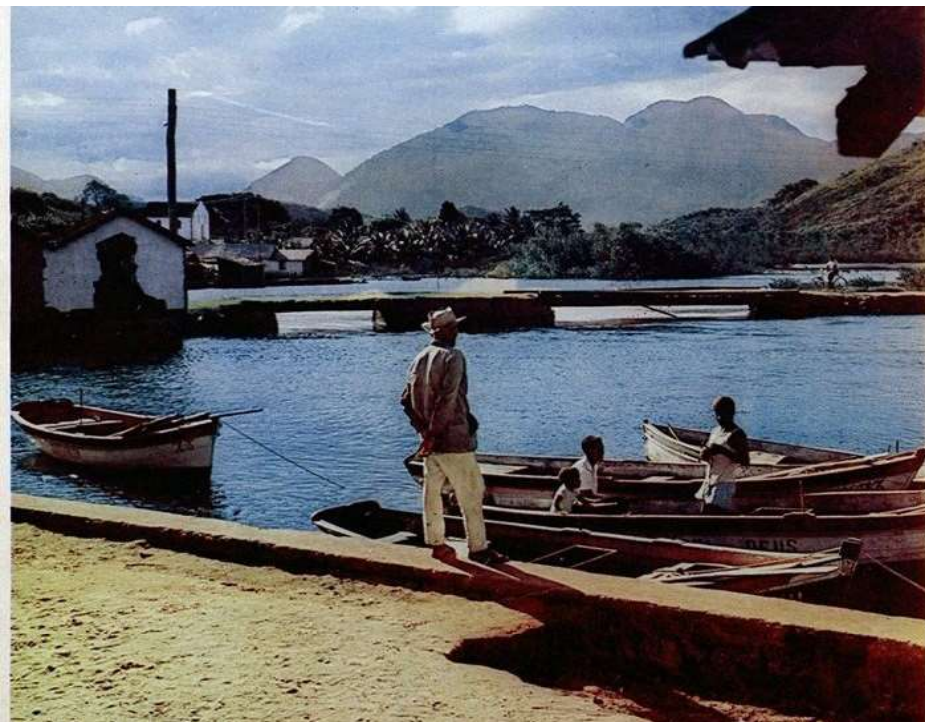
---

<sup>9</sup> Tipo de trabalho em grupo para ajudar o próximo.



**Figura 15. Pequena Aldeia de Perocão. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.**

Ao redor do Rio Perocão observa-se o arvoredo que percorre a extensão do mangue. É inevitável não perceber a quantidade de vegetação que rodeia a aldeia. No mar, e também ancorado no cais, os pequenos barcos estão sob a liderança de homens e crianças. Na figura 16, é possível ver com maior precisão a pequena e estreita ponte de madeira que ligava ambos os lados da aldeia, e na figura 17 as alterações deste espaço.



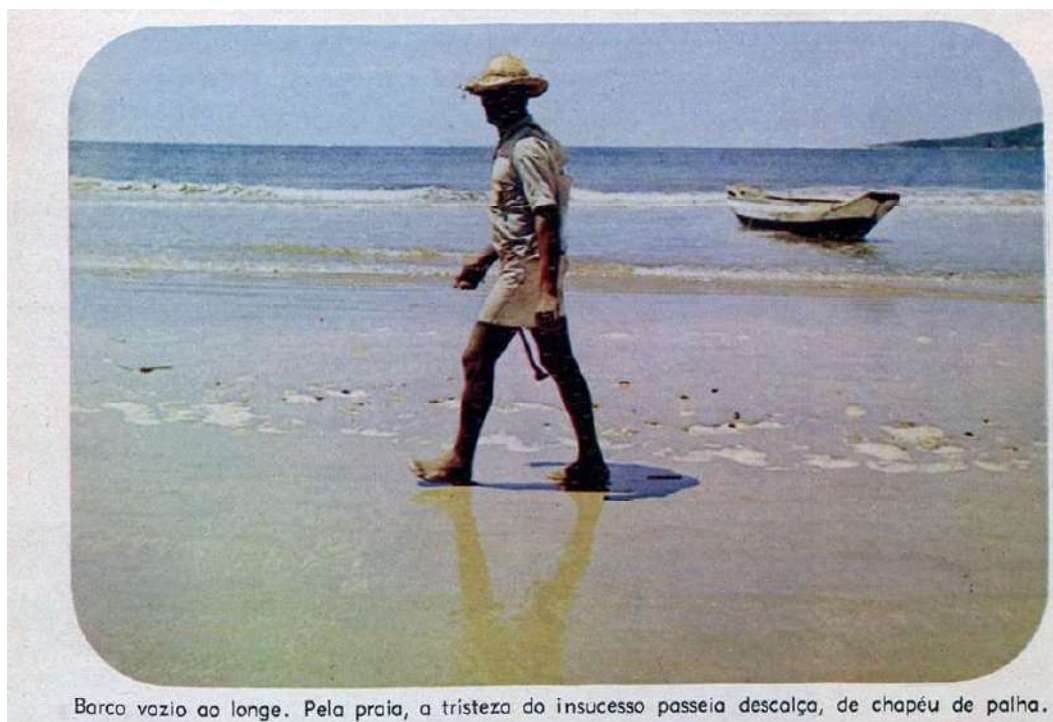
**Figura 16. Ponte de madeira e a igreja católica. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.**



**Figura 17. Ponte Mário Reis. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2018.**

Nas duas figuras, 16 e 17, observa-se o caminhar infantil em meio aos pescadores. Novamente, nota-se a mudança no tipo de barco utilizado pelos pescadores de cada época. Observando o fundo da figura 17, já não é mais possível ver a igreja católica como na figura 16, uma vez que as casas tomaram novas proporções e quantidades e foram ocupando esses espaços que antes possuíam menores e poucas construções. Salienta-se, mais uma vez, as mudanças na paisagem, em destaque a ponte, agora denominada “Ponte Mário Reis” em homenagem a A importância da família Reis para o surgimento e crescimento do bairro. (Câmara Municipal de Guarapari, 2011).

Ao longo das conversas que mantive com os locais, pude perceber que essa definição de temporalidade está diretamente interligada com a paisagem. Uma vez que, a todo momento eles recordam o “passado” a partir das transformações que vão identificando. Um exemplo disso é o que dizem acerca do próprio rio, pois contam que antes os peixes pulavam em grande quantidade e a pesca era farta, mas, com o passar dos anos, isso foi se esgotando.



**Figura 18. Nem todo dia é dia de peixe. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.**

Na figura 18, como posto na legenda da revista (Cruzeiro, 1968), o dia de pesca não traz peixe. Evidenciando que a pesca, apesar de ser uma grande fonte de renda e sustento para as comunidades pesqueiras artesanais, é também uma atividade incerta em relação à conquista do pescado, uma vez que não depende somente do pescador. O Pescador Joel, relembra dos momentos de fartura que presenciou quando mais jovem.

“Eu por exemplo, participei muito de rede de arrastão nas praias; Santa Mônica, Três Praias, Praia da Aldeia. Aonde a gente via 2/3 mil quilos de peixe em cima da praia e o pescador às vezes nem tinha pra quem vender, tinha que doar, distribuir, de tanto peixe que tinha, e peixe bom, de qualidade! Mas com o tempo, com a poluição, com a falta de conservação e despreparo foi acabando isso, e hoje o pescador tem dificuldade para recuperar o seu alimento. Antes se o pescador ia pro mar e trazia 200 quilos de peixe, hoje traz 20 quilos, 15 quilos. Porque foi afastado da costa os peixes devido a poluição do homem. O homem acabou com as coisas! Então a gente lembra desse período bom, período onde os vendedores esperavam os barcos chegar pra pegar o peixe e levar pra Vitória pra vender, porque aqui nem tinha consumo para vender aquela quantidade de peixe. Era uma ninharia... peixe quase não tinha valor, era muito pouquinho dinheiro. Olha, na época de 1965 eu me lembro... Sr. Antonio Cunha levava o peixe para Vitória, lá na Vila Rubim, Sr. Alcides levava pra Campo Grande, Sr. Joaquim Costa com a sua sacolinha vendendo o seu peixe. Aí iam vendendo seus peixes e quando davam esses arrastão e viam bastante peixe eles alugavam um carro, botavam aquele peixe em cima do caminhão e iam pra Vitória vender aqueles peixes nos bairros. Chegavam lá e em 40/50 minutos, 1 hora eles vendiam o peixe todo porque, não tinha balança, era quantidade “Eu quero um real, eu quero dois”... E eu participei muito dessas idas até lá.” (Pescador Joel, entrevista realizada - 2018)

Os pescadores Gerson (53 anos) e Gelson (60 anos) ao verem os antigos retratos da vila, que foram apresentados no momento da entrevista como forma de estimular a memória, também relembram episódios de suas infâncias. O primeiro, de antemão, demonstra sua paixão pela música e o fascínio pela arte, e acrescenta o mar como uma de suas grandes inspirações para compor. Eufórico, conta o dia em que um caminhão de refrigerante tombou da antiga ponte de madeira (que corresponderia a metade da atual ponte) caindo fardos e fardos no rio. Completa dizendo que: “A gente ficou o dia todo nadando no rio e tomando refrigerante”. O pescador, ao reconhecer algumas pessoas na fotografia, rapidamente chama o pescador Gelson. No mesmo instante, ao ver o retrato, reconhece seu pai, Nelson, que também foi pescador e filho de pescador. Conclui a fala dizendo que a pesca está em sua vida desde garoto.

Portanto, reflete-se que, a partir das concepções da paisagem, “o presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro.” (BISPO, 2015 p. 19). Nessa abordagem topofílica da paisagem cabe inserir os elementos da memória, da história vivida e dos elos construídos com/através/ao longo do espaço, por intermédio dos movimentos instaurados. Essa tessitura está presente no relato de Joel:

“As vezes falha a memória, mas quando paramos para lembrar a gente vai lembrando das coisas, das pessoas tradicionais do nosso bairro. Aqui tem descendentes de índio, tivemos aqui... escravos... eu sou bisneto de escravo, que era daqui. Nós tínhamos aqui na região e em Jabarai também, os quilombos, os primeiros quilombo de Guarapari era em Jabari e eles usavam o rio perocão pra trazer as produções, as mercadorias deles, depois eles foram atacados pelos portugueses e foram para lá [pausa por falha na memória] entre Iguape e Buenos Aires. Minha tia foi numa dessa, lá para Goiabas. Expulsos daqui e de Jabarai, eles foram para Goiabas, que foi o lugar onde eles se refugiaram dos portugueses. E as mercadorias que desciam pelo rio Perocão eram embarcadas em barcos para serem vendidos em Vila Velha.” (Pescador Joel, entrevista realizada - 2018)

Através do que propõe Ingold (2015), ao falar das transformações no período medieval e da atividade da agricultura como agente, ou seja, são atividades humanas que transformam seus espaços sociais, é possível perceber que, também, através do trabalho da pesca, os antigos pescadores “criaram a sua textura em constante evolução.” (Idem, p. 193). Logo, “(...) A paisagem não é uma constante física que é simplesmente dada à observação, à descrição, e a mediação empírica. Ela é, antes, dada apenas em relação aos seus habitantes, às suas vidas, movimentos e propósitos, e aos locais onde moram, e



extrai seu sentido dessas relações. Portanto, as pessoas e a paisagem – para reciclar uma fórmula antropológica desgastada – são mutuamente construídas. (...)” ( INGOLD, 2015, p. 198).



Figura 19. Memórias de criança. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.



Figura 20. Merceria da Dona Jovem. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.

O pescador José Luís (64 anos), relembra a antiga vendinha da Dona Jovem. Conta que quando criança ficava sempre no aguardo das moedas que caíam pelo assoalho de madeira, e também recorda que quando criança as roupas eram feitas de saco de batata e as crianças viviam soltas brincando na região. Nas figuras 19 e 20 vemos como a presença das crianças nesses espaços são símbolos importantes, considerando que são elas os locutores do futuro a contar as suas histórias e memórias dos mais antigos. Na figura 20 observa-se a mercearia da Dona Jovem, construída de estuque com o chão de madeira.

Imediatamente, ao lembrar-se das aventuras da infância, José Luís conta sobre a famosa “Pedra do Descanso”, um local conhecido dos moradores de Perocão. Naquela época, a Pedra do Descanso era conhecida por ser mal assombrada, pois era naquele local que os corpos dos falecidos descansavam temporariamente. Já o pescador Gelson (60 anos), filho de pescador, relembra que foi nas águas do Rio Perocão que seu avô morreu afogado. Ao recordar disso, revela uma ritualidade que ocorria naqueles tempos, onde os moradores colocavam uma espécie de cuia nas águas do rio, acreditando que esta levaria a encontrar os corpos dos falecidos ali.

“(…) Quando se morre na aldeia, o corpo é levado para Guarapari, num cortejo de 11 quilômetros a pé. No meio do caminho, existe uma parada, a Pedra do Descanso, onde o caixão é colocado e os acompanhantes jogam baralho, bebem pinga para, depois, seguir viagem rumo ao cemitério.” (O Cruzeiro, 1968)

De suas memórias de infância, Samuel conta brevemente sobre participar constantemente do processo da produção de farinha. “A comida típica do homem-pescador do Perocão é a farinha, feita de mandioca, com peixe e urucum, que dá uma coloração avermelhada à refeição. Carne de boi ou de outra espécie é luxo.” (O Cruzeiro, 1968) Diante disso me recordo do que escreve Bispo (2015): “Além da pescaria, também podemos apresentar uma organização própria dos quilombos e dos povos indígenas e que quase todas as pessoas que moram nessas comunidades conhecem e participam: a estrutura orgânico social de uma casa de farinha” (Idem, p. 82). Assim, é possível ver que, possivelmente, atividades que ocorriam nos primeiros séculos do território habitado foram mantidas ainda por muito tempo, e que na atualidade são contadas como “coisas do passado”. Mas como diz, Nego Bispo (2015, p. 45) :

“[...] Porque mesmo que queimem a escrita, não queimarão a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, não queimarão os significados. Mesmo queimando o nosso povo, não queimarão a ancestralidade.”



**Figura 21. Missa na casa da Família Araújo. Fonte: Instagram @aldeiadeperocao.**

Link: [https://www.instagram.com/p/CNIUSylsAHd/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CNIUSylsAHd/?utm_medium=copy_link)

“Fora do trabalho árduo, os homens do mar tem suas festas tradicionais. A mais famosa é a de Nossa Senhora dos Navegantes, comemorada a 29 de junho, juntamente com a de S. Pedro. Todos os barcos são enfeitados com fitas coloridas e desfilam pela enseada, finalizando no ancoradouro. Depois, dançam congados e bebem pinga.” (O Cruzeiro, 1968)

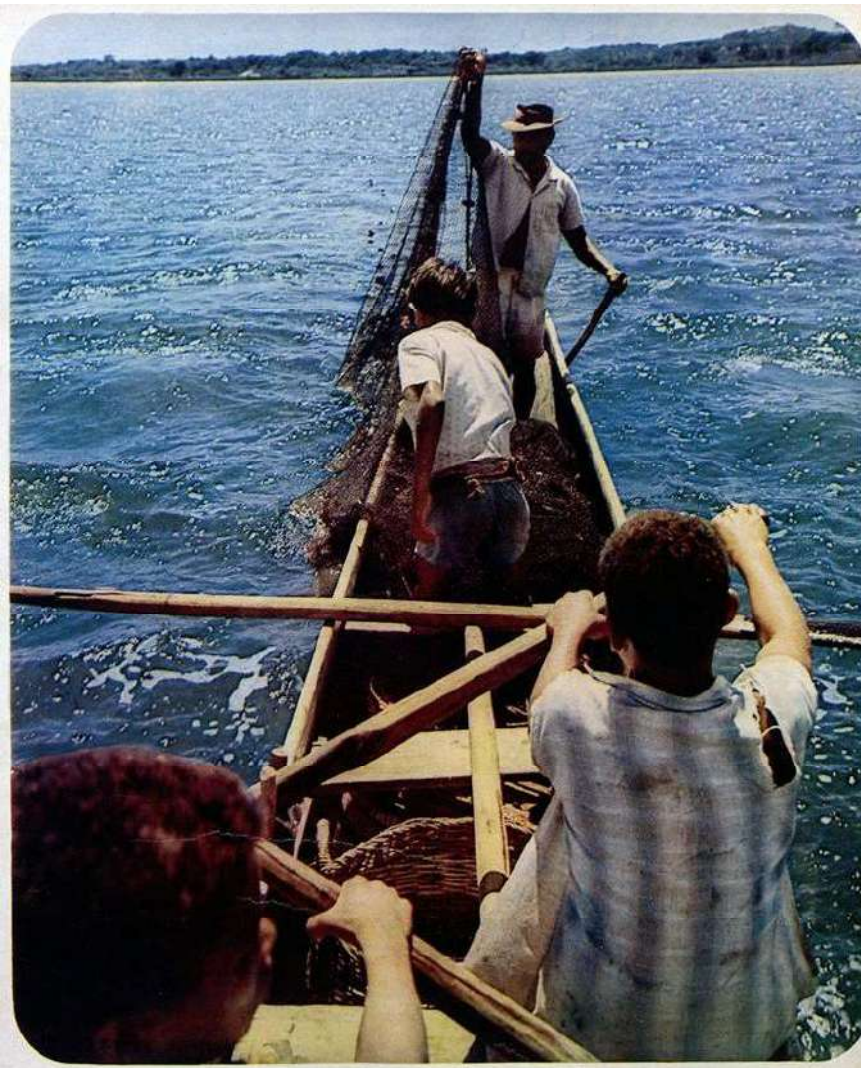
Na figura 21, um retrato da década de 1950 de uma missa que acontecia em frente à Casa do Sr. Francisco Araújo e Dona Daria, antigos moradores de Perocão. Na época ainda não haviam construído a igreja de São Pedro. Atualmente, no bairro de Perocão observa-se a presença de outros espaços religiosos, mas a festa de São Pedro, com a caminhada da igreja até o núcleo da Aldeia de pescadores ainda acontece. “E a razão da igreja São Pedro... Porque a comunidade de pescadores né, então foi doada o terreno e construíram a igreja com nome de São Pedro, e que tá lá até hoje.” (Pescador Joel) Outro resgate importante, que aparece descrito na reportagem da revista O Cruzeiro, 1968, é o seguinte ritual religioso, mas que desconheço existir, pelo menos até o presente momento desta pesquisa.

“Em dezembro, existe a cortada do mastro que consiste em arrancar um tronco, benzê-lo e colocá-lo na porta da Igrejinha local, onde fica por um determinado tempo. Depois, numa homenagem aos veranistas, o mastro é colocado na porta de

um deles, onde permanece até meados de janeiro, quando retirado e devolvido às matas.” (O Cruzeiro, 1968)

Pelas falas eufóricas e pela maneira corporal dos entrevistados é possível notar que, “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. (...) Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumentos na paisagem (...) e quando procuraram explicar sua lealdade com o lugar apontam os laços com a natureza (o tema mãe-terra) ou recorrem à história.” (TUAN, 1980, p.114). TUAN (1980) demonstra que as relações afetivas entre sujeito–meio ambiente podem sofrer variações, e se apresentar a partir de diferentes expressões, tais como:

“A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. **A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.**” (TUAN, 1980, p.107 grifo nosso)



**Figura 22. Deleite do sol e sal na pele. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1968.**

Na figura 22, o retrato de mais um dia no mar, e a experiência do contato com o sol e a água salgada. Observa-se um barco mais longo e mais estreito, que remete a uma canoa, comportando quatro pescadores, possivelmente, jovens e adultos.

“O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. (...) Para o trabalhador rural a natureza faz parte deles (...). Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança (...).” (TUAN, 1980, p.111).

Acima, o autor faz menção a vivência do camponês, e a maneira como seus corpos são marcados pela atividade exercida. Da mesma forma, o conhecimento que possuem com a natureza, pois retiram dela seu sustento. Isso não difere da realidade dos pescadores. A pele queimada de sol, ressecada por consequência do constante contato com o sal marinho, e os dedos calejados, demonstram no corpo as lembranças que os homens do mar carregam diariamente consigo, tanto dentro quanto fora da água. Podemos ver que, “(...) Através da identidade no território, é possível verificar as marcas do pertencimento e do significado construído na temporalidade pela gente da pesca.” (FRANCISCO DA SILVA, 2009, p. 145).

O fragmento citado de de Francisco da Silva (2009) nos faz lembrar as palavras do Pescador Carlinhos (66 anos) :

O senhor pesca desde quantos anos? (Pergunta a entrevistadora) Muito tempo... Já perdi as contas. “Já nasceu pescando? “Já! Isso já... Pra mais de 50 anos... Nasci aqui... Tenho meu barquinho... Filho de pescador mesmo! Meu barco é aquele lá ó: “Jandira.” (Apontando para o barco) - E você nunca pensou em sair de Perocão não? (Pergunta a entrevistadora) - Não... Aqui é tranquilo... Um lugarzinho bom né... Tranquilo... Bom demais. (Pescador Carlinhos, entrevista realizada - 2018)



**Figura 23. Carlinhos, o pescador. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2018.**

Na figura 23, o pescador Carlinhos no meio do canal de Perocão, enquanto a maré está seca, posa para o retrato.

Assim como entende-se a paisagem como natural, ela também é uma representação cultural, individual e coletiva, como coloca BESSE (2014). Logo, um território é socialmente fabricado e habitado, e possui diversas determinações no seu processo construtivo. Em Perocão, um dos referenciais imagéticos com relevante significado é o cais onde os barcos dos pescadores atracam, barcos com as mais diversas cores, tamanhos e particularidades. Diante do que é visto entende-se que, “a paisagem é uma composição de espaços criados pelo homem no solo.” (Idem, p.31) A escrita paisagística (BESSE, 2014) que se constrói através dos barcos faz parte de um espaço produzido e praticado por um coletivo de pessoas - moradores, pescadores, visitantes - que transformam o natural, constantemente. Este espaço organizado é cultural, uma vez que produz e abriga, ao mesmo tempo, os valores e aspectos característicos de cada população, ou seja, “ler a paisagem é perceber modos de organização do espaço.”(Idem, p.31). A leitura desta paisagem também é exercida a todo instante por quem vive nesses espaços, sendo afetado por ele. Resulta disso, as artes que nascem desse vínculo topofílico entre os pescadores e seu local de pesca. Podemos ver uma manifestação dessa relação e sentimento na figura 23, uma obra plástica criada pelo pescador José Luís, que retrata a Praia do Boião, sempre habitada por um ou dois barcos, com águas calmas, bastante vegetação e a presença de aves.



**Figura 24. Praia do Boião pelos olhos de José Luís. Fonte: Pescador José Luís “Mestre Dubú” (s/data)**

Ao entender a experiência do habitar as paisagens como modos de existência e de construção de vínculos com o lugar, pude perceber como se constroem as narrativas dessas pessoas com as quais mantive contato durante a pesquisa. Diante das experiências sensíveis, desenvolvem-se os vínculos afetivos entre pessoas e ambiente, e também as memórias dessas paisagens, as quais vão compondo a intimidade das experiências que cada uma dessas pessoas estabelecem com esse lugar. Nessas relações entre pessoas-ambiente e corpo-paisagem as formas de vivenciar o espaço vão escrevendo outras marcas na paisagem e, num movimento recíproco, esses corpos também são marcados por essa mesma experiência. Portanto, na vila de Perocão, diante das narrativas e memórias afetivas, vislumbra-se essa experiência da paisagem como um modo intrínseco de vivência com a pesca e as histórias vivas ligadas à construção dessa comunidade de pescadores artesanais.

### **CAPÍTULO 3 - CAMINHANDO ENTRE RUAS E RIO: UMA EXPERIÊNCIA DE NARRATIVA VISUAL NA ALDEIA DE PEROCÃO**

Num tempo só de nativos  
um cacique começou a sonhar  
sonhava com um lugar sem guerras  
para os índios, a vida melhorar

Mandava seus bravos guerreiros  
em busca do lugar encantado  
voltavam sempre exaustos  
sem nada terem encontrado

Rezavam junto ao pajé  
a noite com a lua nova  
pediam se houvesse o lugar  
que a lua mandasse uma prova

Num dia veio as coordenadas  
em sonho como uma miragem  
o cacique cantou para tribo  
e levou-os para grande viagem

Ao chegar ficou bem surpreso  
tudo era como sua visão  
pra aldeia só faltava um nome  
e o cacique batizou Perocão.

Fonte: Joel Júnior, filho do pescador Joel. (2002)

A proposta deste último capítulo é, por meio da experiência de caminhada, construir uma narrativa visual dos percursos na Aldeia de Perocão, evidenciando com mais afincos elementos importantes que constituem o espaço social da vila atualmente.

O ato de caminhar vai muito além da noção de locomoção terrestre. Essa experiência pode ser entendida como uma maneira de compreender o mundo e experimentá-lo. Ou seja,

"A caminhada, além de meio de deslocamento, é um meio de perceber o mundo, pois é através dos sentidos que recebemos os estímulos que nos revelam o entorno – necessário para continuar caminhando. Não só nos revela o entorno imediato e físico, nos revela quem somos como sociedade (...)". (VELASQUEZ, Judy, 2021, p.7)

Desse modo, através desse processo, é possível identificar os símbolos que constituem determinados espaços sociais e, em consequência disso, pressupor narrativas que constroem as histórias do espaço em questão.



Desde o mergulho nos fragmentos que ouvi através dos pescadores e moradores de Perocão, bem como as histórias e descrições que li sobre o passado da vila, a experiência de caminhar neste lugar foi se transformando. Nessas caminhadas, entre pesquisas - escritas e histórias -, os percursos na Aldeia de Perocão foram potencializados, de modo que a paisagem é experimentada de uma maneira singular.

*Na caminhada vou percorrendo memórias e histórias*



**Figura 25. Percurso. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**



Figura 26. Ladeira Manoel Albertino. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.



Figura 27. Dia silencioso na vila. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.



Figura 28. Peixaria do Romário e Marlin Azul. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.

*No cais os barcos repousam e os pescadores narram histórias*



Figura 29. Manhã no Cais. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.



Figura 30. Ponte. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.



Figura 31. A espera do pescador. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.



**Figura 32. Repouso dos barcos. A arte está em tudo. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**

*Rio-Casa - Rio-lar: Rio de memórias*



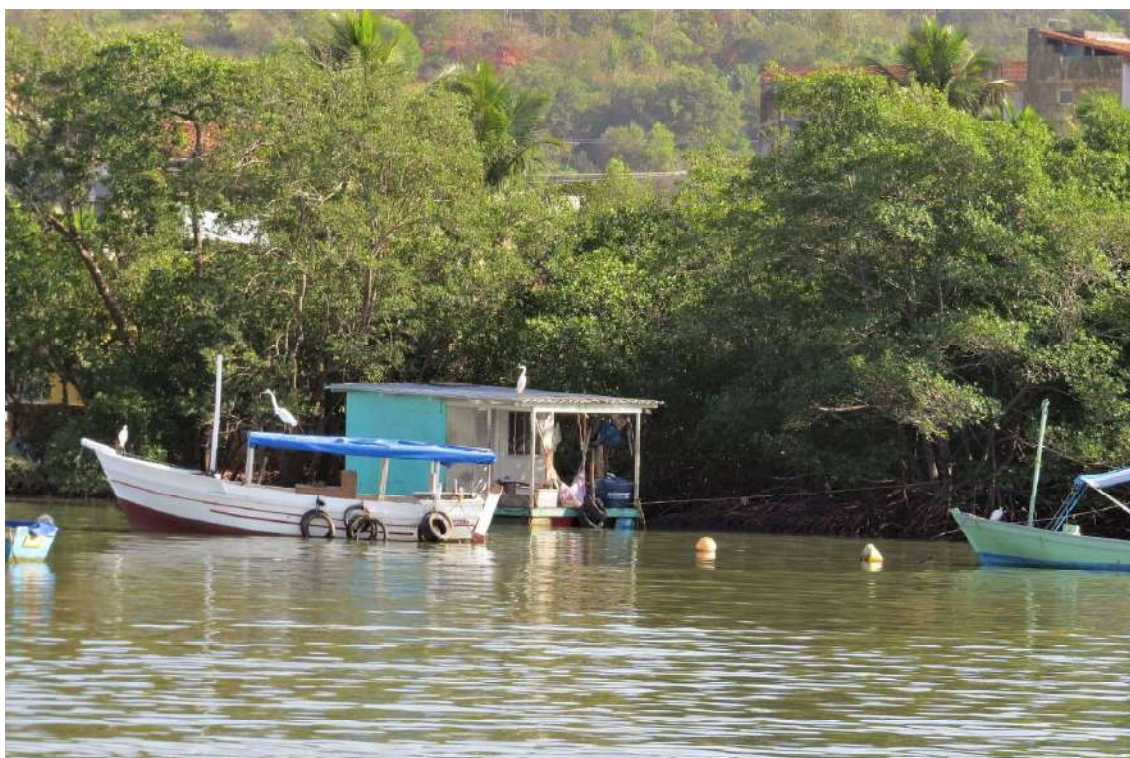
**Figura 33. Rio-Casa. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**



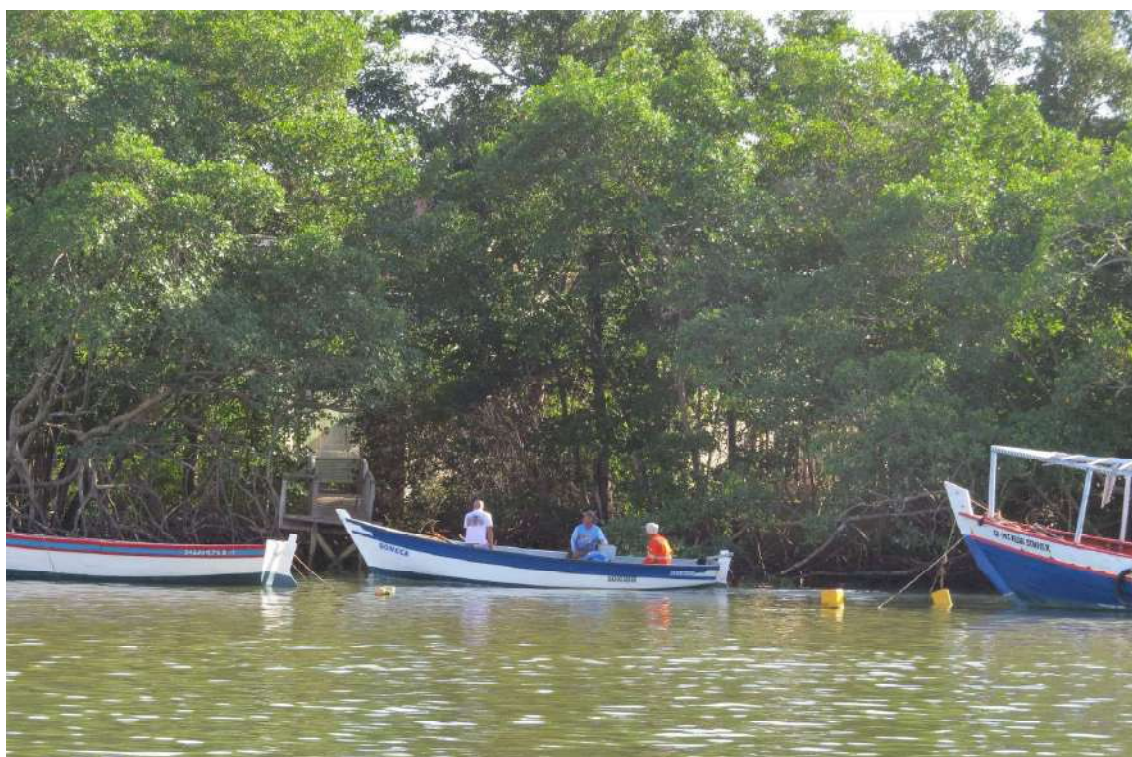
**Figura 34. A arte está em tudo. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**



**Figura 35. O ancoradouro continua lindo. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**



**Figura 36. mangue e garças. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**



**Figura 37. Retorno. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**



**Figura 38. Praia do Boião. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022.**



**Figura 39. “Há um barco esquecido na praia”. Fonte: Livia Pereira Fantinato. Autora da Pesquisa, 2022**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preliminarmente, é necessário agradecer aos homens do mar, com a contribuição de suas histórias e memórias foi possível construir este trabalho. Diante disto, entende-se que esta pesquisa foi uma possibilidade de conhecer e descrever o universo dos pescadores artesanais da Aldeia de Perocão e também reconhecer a importância histórica da comunidade para a construção da memória coletiva do bairro. Contudo, entendo que existe um vasto universo da Aldeia de Perocão ainda por desbravar.

Diante do exposto aqui, confirma-se a escassez de produção escrita sobre a região, fazendo com que a sua história passada permaneça atada aos sons da oralidade, tendo que ser buscada nas memórias e nos relatos de pescadores e outros moradores. Ao longo desta pesquisa refletiu-se a respeito da dispersão das histórias que compreendem os primeiros séculos da comunidade. Sabe-se que, diante dos padrões colonizadores e escravistas, as histórias dos contra colonizadores e suas resistências, por vezes foram apagadas ou distorcidas pelo pensamento hegemônico Europeu. Logo, o presente trabalho monográfico buscou revelar essas histórias e, por meio da pesquisa documental, conseguiu identificar a população indígena e negra como os primeiros ocupantes da região.

Por meio da atividade de campo, das análises fotográficas e, principalmente, das narrativas dos pescadores, percebeu-se muito das transformações ambientais e sociais da comunidade. Compreendeu-se o modo de coexistir *na* e *com* as águas que está presente no cotidiano da Aldeia de Perocão, na atividade da pesca artesanal e nas formas de interação. O rio e o mar compõem sabedoria, abarcam vivências e tradições. Intrinsecamente, a pesca está presente na vida do pescador para além das relações econômicas.

Por fim, constatou-se que a paisagem pode ser entendida muito além da ideia usual de meio físico externo aos indivíduos, ela pode ser pensada como modo de (co)existir, de habitar e constituir vínculos com o ambiente, como um tipo de topofilia. Diante das entrevistas e conversas informais, percebeu-se que as memórias são apresentadas através das descrições naturais e também sociais; elas se emaranham, revelando um sentimento de pertencimento ao território. Assim, vimos que a atividade da pesca na

Aldeia de Perocão é, indubitavelmente, a atividade econômica principal. Todavia, ela abarca outros sentidos que não se encerram no econômico, pois perpassa os âmbitos sociais, as relações de sociabilidade; ela está nas memórias, nas histórias de pescadores, permeia a arte através das poesias e pinturas, se faz no saber cotidiano, na arte da pesca e suas técnicas, no modo de constituir vínculos com o rio e o mar; ela é, portanto, um modo de habitar o lugar.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO DE LISBOA, Catálogo de documentos manuscritos avulsos referentes à capitania do Espírito Santo existentes no. [s.d] Disponível na Internet via: [file:///C:/Users/csofa/Downloads/slindex.tips\\_catalogo-de-documentos-manuscritos-avulsos-referentes-a-capitania-do-espírito-santo-existent-no-arquivo-historico-ultramarino-de-lisboa.pdf](file:///C:/Users/csofa/Downloads/slindex.tips_catalogo-de-documentos-manuscritos-avulsos-referentes-a-capitania-do-espírito-santo-existent-no-arquivo-historico-ultramarino-de-lisboa.pdf)

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. O mundo costeiro: temporalidades, territorialidades, saberes e alternativas . 2009. 9 f. Artigo (Doutora em meio ambiente e desenvolvimento; antropóloga)- universidade federal do paraná, Paraná, 2009. Disponível na Internet via:

<<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16455>>. Arquivo capturado em: 31 out. 2018.

DE SAINT-HILAIRE, Auguste. Segunda viagem ao interior do Brasil: Espírito Santo. São Paulo. 1936. Disponível na Internet via: [file:///C:/Users/csofa/Downloads/segunda\\_viagem\\_saint\\_hilaire.pdf](file:///C:/Users/csofa/Downloads/segunda_viagem_saint_hilaire.pdf). Arquivo capturado em: 05 jun.2019

Onde Eu Nasci Passa Um Rio. Intérprete: Caetano Veloso e Gal Costa: A. Gino. *In*: Domingo. Intérprete: Caetano Veloso. São Paulo: Universal Music Group, 1967. (1:56 min).

**Google.** 2021. PEROCÃO. [s.l.]: **Google Maps.**

O CRUZEIRO, Revista:. Perocão:: paraíso ao leste. Reportagens , Rio de Janeiro, p. 56-66, abr. 1968. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20192&pesq=>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

RERITIBA. Perocão, uma das aldeias mais antigas do Espírito Santo. 2009. Disponível em: <<http://culturamaratimba.blogspot.com.br/2009/07/perocao-uma-das-aldeias-mais-antigas-do.html?q=peroc%C3%A3o>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. (org) Negros no Espírito Santo. Espírito Santo. Estúdio Zota. 2016. Disponível na Internet via: [https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MioloLivroNegros\\_FINAL\\_BAIXA.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MioloLivroNegros_FINAL_BAIXA.pdf). Arquivo capturado em: 05 de nov. 2018

DE WIED-NEUWIED, Maximiliano. Tomo I: Viagem da vila de São Salvador ao Rio Espírito Santo. In: DE WIED-NEUWIED, Maximiliano. viagem ao Brasil . [S.l.]: Companhia Editora Nacional, 1940. cap. VI, p. 136-137. v. 1. Disponível na internet via: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/viagem-ao-brasil-nos-anos-de-1815-a-1817/preabulo/9/texto>>. Arquivo capturado em: 28 nov. 2018.

PEROCÃO: a vila do século 17 cresceu e se modernizou, mesmo sem perder a simplicidade. GazetaOnline: [s.n.], 2012. Disponível na Internet via: <[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2012/01/noticias/especiais/1086753-perocao-a-vila-do-seculo-17-cresceu-e-se-modernizou-mesmo-sem-perder-a-simplicidade.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/01/noticias/especiais/1086753-perocao-a-vila-do-seculo-17-cresceu-e-se-modernizou-mesmo-sem-perder-a-simplicidade.html)>. Arquivo capturado em: 25 out. 2018.

PEROCÃO: esgoto de três bairros acaba no rio que corta a aldeia de pescadores. FolhaOnline.es: [s.n.], 2017. Disponível na Internet via: <<https://www.folhaonline.es/perocao-esgoto-de-tres-bairros-acaba-no-rio-que-corta-a-aldeia-de-pescadores/>>. Arquivo capturado em: 05 nov. 2018.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: Um estudo de Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difusão Editorial S. A, 1980. 150 p.

FRANCISCO DA SILVA, Anelino. Pesca artesanal: seu significado cultural. 2009. 18 f.

Artigo (Geografia)- UFG, RIO GRANDE DO NORTE, 2009. Disponível na Internet via: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/6259/4739>>. Arquivo capturado em: 31 out.

2018.

SILVA, G. Água, vida e pensamento: Um estudo de cosmovisão entre trabalhadores de pesca. São Paulo. 2000. Disponível na Internet via: [http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/SILVA%20\(2000\)%20imagem%20h2o%2027-37.pdf](http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/SILVA%20(2000)%20imagem%20h2o%2027-37.pdf). Arquivo capturado em: 02 dez 2018.

Magno Pereira, último pescador poeta de Perocão. Espírito Santo: FolhaOnline.es, 2017. Disponível em: <<https://www.folhaonline.es/morreu-magno-pereira-ultimo-pescador-poeta-de-perocao/>>. Acesso em: 12 maio 2018.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Colonização, quilombos: Modos e Significações. Brasília. 2015

INGOLD, Tim. 2015. Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes.

PIMENTEL, Luciana. Ponte Perocão será denominada “Ponte Mário Reis”. **Câmara Municipal de Guarapari**, 17 de jun. 2011. Disponível em: <https://www.cmg.es.gov.br/noticia/ler/1120/ponte-do-perocao-sera-denominada-ponte-mario-reis> . Acesso em: 05 de jul. 2022

BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo – exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.